

IN-COMUNICAÇÃO E TRADUÇÃO EM WALTER BENJAMIN

Sergio Romanelli
Universidade Federal de Santa Catarina
sergioroma70@gmail.com

Resumo: Neste artigo pretende-se analisar a peculiar e inovadora definição de tradução de Walter Benjamin à luz de sua teoria da linguagem desenvolvida no livro *Die Aufgabe des Übersetzers* e fundamentada nos conceitos ambíguos de in-comunicação da obra de arte, de língua pura e de transcrição. Quer-se apontar não somente os elementos inovadores de seu discurso, mas, também, as fraquezas e incongruências tanto da forma quanto do conteúdo de sua obra.

Palavras-chave: Walter Benjamin, comunicação, linguagem, tradução.

Abstract: In this paper we intend to analyze Walter Benjamin's specific and innovative definition of translation considering the linguistic theory he developed in the essay *Die Aufgabe des Übersetzers* and based on the ambiguous notions of in-communication in art, pure language and transcription. We intend to point not only the innovative elements of his discourse, but also the weaknesses and contradictions of his essay's form and content.

Keywords: Walter Benjamin, communication, language, translation.

Concordamos com Susana Kampff Lages quando afirma que:

Walter Benjamin sintetiza, no ensaio “A tarefa do tradutor”, algumas das principais aporias que se encontram nas reflexões tradicionais sobre tradução, ao mesmo tempo em que assinala uma reversão, ou mais precisamente, um deslocamento ou problematização dos termos com que tradi-

cionalmente são vistos conceitos dicotômicos como o de fidelidade/liberdade, literalidade/figuratividade, texto original/texto traduzido (1998, p. 63).

De fato, o texto (ou melhor, o ensaio) *Die Aufgabe des Übersetzers* de Walter Benjamin, publicado em 1923 como prefácio às traduções do filósofo alemão dos poemas de Charles Baudelaire, já amplamente lido e analisado, insere-se numa mais ampla reflexão do filósofo alemão sobre a linguagem que inclui textos como *Sobre a Linguagem em Geral e sobre a Linguagem dos Homens* (1916), *A Doutrina do Semelhante e Sobre a Faculdade Mimética* (1933) e *Problemas da Sociologia da Linguagem* (1935). Segundo Benjamin, a linguagem seria um fenômeno de natureza dúplice: por um lado é um sistema arbitrário de signos destinado à comunicação, por outro é o produto das inter-relações entre a linguagem imediata, e *divina*, e a sua reprodução atuada pelo homem no ato de pronunciar as coisas. É essa concepção dúplice da linguagem a peça fundamental da teoria da tradução de Benjamin. De fato, a própria linguagem seria, por sua natureza, uma tradução: tradução da linguagem das coisas para a linguagem do homem. A língua humana seria, então, a concretização do verbo divino, e o homem seria um privilegiado dentre os outros seres, pois é o único que pode nomear e, de consequência, dominar a natureza. Mas, continua Benjamin, por causa do pecado original, o homem perdeu a possibilidade de conhecer as coisas na sua essência, pois na origem o significante era o significado. Agora, o homem só pode ter um conhecimento imediato das coisas através da palavra. Existe, porém, como se mostrará mais adiante, uma possibilidade de resgatar a língua original ou, como Benjamin a define, a “língua pura” presa nas línguas empíricas, através da tradução.

A linguagem adamítica era uma linguagem auto-suficiente, auto-referente, comunicava sendo; a linguagem babélica, por sua vez, precisa da palavra para comunicar o próprio sentido. Assim como na sua origem a linguagem não teria sido uma forma de co-

municação, mas uma imitação da natureza, a obra de arte também, pois ela visa a imitar a natureza, não é comunicação. Essa teoria da linguagem sublima-se na concepção segundo a qual nenhuma obra de arte foi concebida para um leitor e para um receptor específicos, mas pressupõe “somente a existência e a essência de um homem em geral” (BENJAMIN, 1992, p. 8). Em outras palavras, poderíamos dizer que existem pelo menos dois momentos nítidos no processo criativo de uma obra de arte: o momento da percepção e o da realização dessa percepção. No momento da percepção, interpretando o raciocínio de Benjamin, o artista lida somente com a sua ideia de obra e com a forma que aquela específica percepção irá ganhar, e não com o possível destinatário dessa obra, porque, nessa etapa de sua criação, não há destinatário, exceto a possível forma de uma ideia em ato. Só num segundo momento, talvez, uma vez estabelecida a forma e as ferramentas necessárias para moldar sua percepção, o artista poderia imaginar uma possível recepção e um receptor ou mais receptores. Em sua essência, ou seja, em seu núcleo mais íntimo a obra não nasce para comunicar nada, mas para dar forma ao invisível. Como afirma Plaza:

O que uma obra de arte expressa, antes de tudo, é mero sentimento (que não tem nada a ver com sentimentos codificados: *alegria, tristeza*, entre outros) como estado de virtualidade. [...] A forma assim concebida resiste à análise. É inarticulável e inefável e, sobretudo, não é discursiva; daí apresentar resistência à comunicação, ao familiar, ao convencional. [...] A forma é, assim, aparição e a tradução é transformação de aparências em aparências (2008, p. 87).

Se nenhuma obra de arte nasce para o receptor, por que deveria, então, a tradução servir a um leitor? Eis a questão fundamental com a qual se abre o ensaio de Benjamin. De modo abrupto e peremptório, o autor coloca logo suas definições de má tradução, à luz dessa teoria da linguagem e dessa metafísica da obra de arte: a

tradução não deve comunicar, já que o original não o faz, e a tradução não deve servir ao leitor. Para servir ao leitor, segundo ele, a tradução tende a comunicar algo que não há no original.¹

Tradução, afirma Benjamin, é forma e a traduzibilidade é inerente e essencial a alguns textos. O autor estabelece uma nova conexão entre original e tradução ou, como mais tarde será definido, entre *source text* e *target text*. Ele afirma que uma tradução não representa nada mais para o original que a possibilidade, devido à sua traduzibilidade (ou possibilidade de ser traduzido), de exprimir o significado que nele está oculto. A dialética de Walter Benjamin é, em alguns trechos do texto, muito complexa e complica a compreensão dos conceitos propostos:

[...] os argumentos são apresentados de maneira comprida, numa linguagem cujas evoluções, em si mesmas, evocam tonalidades inusuais, antigas [...] Um texto como esse [...] constitui-se ele mesmo numa alegoria: uma alegoria da leitura enquanto tradução e alegoria da tradução enquanto leitura que pretende estabelecer uma correspondência ideal entre texto original e texto traduzido (KAMPFF LAGES, 1998, p. 64).

Nessa dialética reside, ao mesmo tempo, a vantagem e a desvantagem do texto, já que deu origem até hoje, e continua dando, a várias e contrastantes interpretações. Paraphraseando o próprio Benjamin, poder-se-ia afirmar que, na forma do seu texto, se encontra a chave de leitura para desocultar o sentido. O original alemão é o texto perfeito para pôr em prática, através da tradução, as teorias por ele formuladas: será que os vários tradutores conseguiram transpor a significância do texto de origem?

É justamente essa relação entre texto de origem e texto de chegada que Benjamin reformula de modo original afirmando existir um “vínculo de vida” entre os dois: “[...] assim como as manifes-

tações de vida estão no mais íntimo vínculo com o vital, sem que nada signifique para ele, assim também a tradução emerge/emana do original” (BENJAMIN, 1992, p. 11). E continua sustentando que como as manifestações de vida têm como objetivo a expressão da essência da vida, do seu significado, assim a tradução tem como finalidade exprimir a relação mais íntima entre as línguas. Chega-se assim ao conceito básico da teoria da tradução de Benjamin: *Die Reine Sprache - A língua pura*.

Uma vez postulada a existência de uma convergência entre todas as línguas, uma relação íntima entre o que querem dizer, Benjamin define a *língua pura* como o todo dessas intenções de todas as línguas. De fato, cada língua significa a mesma coisa, mas com intenções diferentes; caberia, então, à tradução libertar a língua pura do original revelando a sua intenção, ou melhor, o seu *modo de significar*. O significado emergiria, então, de todos os modos de significar aquela palavra por todas as línguas através da tradução. Conforme afirma Haroldo de Campos,

A ‘língua pura’ como ‘língua verdadeira’ ou ‘língua de verdade’ absorve e absolve todas as intenções das línguas individuais desocultadas dos originais, e nesse sentido arruína a tradução como um processo que contribui fragmentariamente para esse desvelamento (1992, s. p.).

À tradução, então, caberia facilitar o crescimento *sagrado* das línguas, para que o significado do original consiga emergir da harmonia de todos os *modos de significar*. Mas, como aconteceria na prática esse desvelamento da intenção de todas as intenções da palavra? Segundo Benjamin, só no nível da forma, através da “[...] literalidade na transposição da sintaxe, e justamente é a literalidade o que mostra a palavra, e não a frase como o elemento original do tradutor” (1992, p. 27). Para Benjamin, então, a tarefa do tradutor não é, como a teoria ortodoxa da tradução sustentava, restituir o

sentido do original, mas, ao contrário, doar novamente a forma do original. Já que a obra de arte não é comunicação, não cabe ao tradutor transmitir o mero sentido referencial, mas concentrar-se na sua missão principal que é a de perseguir o *modo de intencionar*, o *modo de significar* do original. E seria o próprio original que facilitaria a tarefa do tradutor, porque nele o autor já organizou previamente esse conteúdo dispensando o tradutor de ocupar-se dele, podendo chegar através da nova doação do *modo de intencionar* à complementaridade das duas línguas na direção da *língua pura*, objetivo verdadeiro da tradução. Essa despreocupação com a reprodução do sentido do original liberta também o tradutor da ameaça da não fidelidade ao texto de partida. Já que o texto não deve comunicar nada, os conceitos de fidelidade e liberdade revelam-se abstrações dos teóricos, pois a relação do conteúdo com a língua difere completamente no original e na tradução: “No original, conteúdo e língua formam uma unidade determinada, como a do fruto e da casca, enquanto a língua da tradução envolve seu conteúdo, como um manto real, com dobras sucessivas” (BENJAMIN, 1992, p. 20). A tradução não pode ser fiel, pois a língua da tradução é inadequada ao próprio conteúdo, já que o significado está ligado ao modo de significar na palavra determinada. Não cabe à tradução ser fiel ao texto de partida, mas, por assim dizer, elevá-lo a um estágio mais definitivo da língua, para aproximá-lo daquele modo de intencionar de todas as línguas que é a *língua pura*.

Nas páginas finais do seu texto, Benjamin explicita mais esse conceito de *língua pura* e da relação entre texto original e texto traduzido. Ambos seriam fragmentos de uma língua maior; a tarefa da tradução não seria a de ser o máximo possível semelhante ao original, mas a de trazer o máximo possível para a forma da língua de chegada o *modo de significar* (ou melhor de *formar*) do original. O elemento do tradutor nessa busca não seria a frase, mas a palavra, é só na transposição da literalidade da palavra que se revela a *língua pura*. A *língua pura* seria a palavra privada de expressão, que nada expressa e nada simboliza se não um significado em todas

as línguas. “Resgatar em sua própria língua a língua pura, ligada à língua estrangeira, liberar, pela transcrição, a língua pura, cativa na obra, é a tarefa do tradutor” (BENJAMIN, 1992, p. 29). Pareceria esta uma tarefa utópica: poder chegar (através da tradução) à palavra que em si é simbolizante e simbolizado, ou seja, à palavra original - entendendo-se por original a palavra das origens, do início dos tempos - aquela que deu nome pela primeira vez ao que não era nomeável. Para cumprir essa tarefa, seria necessário que o tradutor voltasse a um tempo original, ou seja, a uma realidade sem tempo e sem espaço. Isso aconteceria através da transcrição (oposto à transposição), um dos conceitos mais proveitosos na teoria da linguagem de Benjamin. Segundo Benjamin, no original existe um “núcleo essencial” que “não é retraduzível”, “[...] ainda que se extraia o máximo de comunicável e se o traduza, mesmo assim na tradução permanece sempre o intocável, para o qual se orientava o trabalho verdadeiro do tradutor” (1992, p. 19-20). O *intocável* não é, então, transmissível, já que a relação do conteúdo com a língua difere no original e na tradução e, conseqüentemente, não pode haver transposição. Para melhor explicitar essa noção de intocável, se pode dizer que a essência da obra de arte consistiria num núcleo indizível, misterioso, poético, e que esse núcleo, não sendo comunicação, só poderia ser reproduzido pelo tradutor, poetizando, ou seja, transcribando, através de uma nova seleção e de uma nova combinação dos elementos extra e intratextuais, que caracterizariam o original, concretizando, dessa forma, o seu imaginário.

“A tradução como transcrição é o pôr em poesia da poesia” afirma Haroldo de Campos. Na leitura que o teórico brasileiro faz do conceito benjaminiano é interessante destacar exatamente esta questão: o objetivo da tradução não é o de reconstituir uma presumida mensagem do texto (neste caso do poema) original, mas sim recriar no idioma de chegada essa peculiar forma significativa que caracteriza o original e que é constituída de som e de grafia. É nessa união entre aspecto sonoro e visual que está contido o sentido do significante:

Na tradução de um poema, o essencial não é a reconstituição da mensagem, mas a reconstituição de sistema de signos em que está incorporada esta mensagem, da informação estética, não da informação meramente semântica (CAMPOS, 1977, p. 100).

Segundo quanto apontado por Prado & Esteves (2009):

A transcrição coloca tradução e criação poética em pé de igualdade e em constante interação, num contínuo e mútuo enriquecimento entre texto original e texto traduzido. O seu trabalho de tradutor, segundo Campos, por ser tributário da atividade primeira (a de poeta), não é secundário, pois é também criativo, havendo uma interdependência produtiva entre o fazer poético e o traduzir (p. 116).

A tal afirmação poder-se-ia acrescentar que se a especificidade do poeta, conforme assevera Benjamin, é trazer as ideias às formas, a do tradutor, emancipado dessa tarefa, seria lidar diretamente com essas formas da significância. Então, não será que somente o poeta poderá trazer as formas-significantes de outro poeta às novas formas que, por sinal, ele domina melhor do que qualquer tradutor?

A questão ainda não encontrou uma resposta adequada nem no livro de Benjamin, nem nos dos teóricos que se seguiram. Apesar da sua complexidade linguística e conceitual e de algumas contradições e teorizações demasiadamente abstratas, o texto de Walter Benjamin permanece um ponto de referência para os teóricos da tradução de qualquer orientação. Sua qualidade maior é a de ter levado o debate sobre a tradução ao plano da hermenêutica e da metafísica, visando a destacar a importância da tradução como ato criador de novos significados.

Nota

1. Se essa teoria parece ser partilhável no caso de uma tradução literária, já que nenhuma obra de arte verdadeira nasce se não por uma inspiração e por uma exigência criativa do autor; parece menos fundamentada no caso de tradução de textos não literários. Os textos *técnicos*, por exemplo, tem como função fundamental justamente a comunicabilidade de um conteúdo essencial para o emissor e para o receptor. Lembre-se, porém, que a maioria do que existe em teoria da tradução desde a sua origem até hoje sempre teve como objeto privilegiado de estudo os textos literários. É só com o surgimento das teorias dos polissistemas e da *skopos theory* que o texto não literário (técnico, áudio-visual, etc.) passa a ser considerado nos estudos da traduzibilidade.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. The Task of the Translator. *Illuminations*. (Ed.) Hannah Arendt, trad. Harry Zohn, N.Y: Schocken Books, 1978.

BENJAMIN, Walter, “A tarefa do tradutor”. Tradução coordenada por Karlheinz Barck, Cadernos de mestrado, série A tarefa de traduzir I, IL, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, 1992.

CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. Perspectiva: São Paulo, 1977.

CAMPOS, Haroldo de. “O que é mais importante: a escrita ou o escrito? - Teoria da Linguagem em Walter Benjamin” in *Dossiê Walter Benjamin, Revista USP*, no. 15. São Paulo, 1992, [s. p.].

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução à transfuncionalidade. Publicado com o título *Reflexões sobre a Poética da Tradução*, nos Anais dos 1º e 2º Simpósio de Literatura Comparada (1986/1986). [UFMG, B. H., 1987, vol. I, org. de Eneida M. de Souza e Julio C. M. Pinto], pp. 82-101.

CAMPOS, Haroldo de. Paul Valéry e a poética da tradução. Em COSTA, Luiz Angélico da (org.) *Limites da traduzibilidade*. Salvador: EDUFBA, 1996, pp. 201-16

FURLAN, Mauri. A missão do tradutor. Aspectos da concepção benjaminiana de linguagem e de tradução. Em *Cadernos de tradução n. I*, Florianópolis: NUT/UFSC, 1996, pp. 91-105.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em W. Benjamin*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994, pp. 9-35.

KAMPPF LAGES, Susana. “A tarefa do tradutor” e o seu duplo: a teoria da linguagem de Walter Benjamin como teoria da traduzibilidade. Em *Cadernos de Tradução n. III*, Florianópolis: NUT/UFSC, 1998, pp. 63-87.

PLAZA, Julio. Tradução intersemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PRADO, Célia Luiza Andrade & ESTEVES, Lenita Matia Rimoli. A tradução ‘verbivocovisual’ de Haroldo de campos. In: *Tradução e comunicação, Revista brasileira de tradutores*, n. 19, ano 2009, p. 115-127. Disponível no site <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/rtcom/article/viewFile/1639/769> acessado no dia 26 de julho de 2010.

RAMALHO VIEIRA, Josalba. Duas leituras sobre “A tarefa do tradutor” de Walter Benjamin. Em *Cadernos de tradução n. I*, Florianópolis: NUT/UFSC, 1996, pp. 107-113.